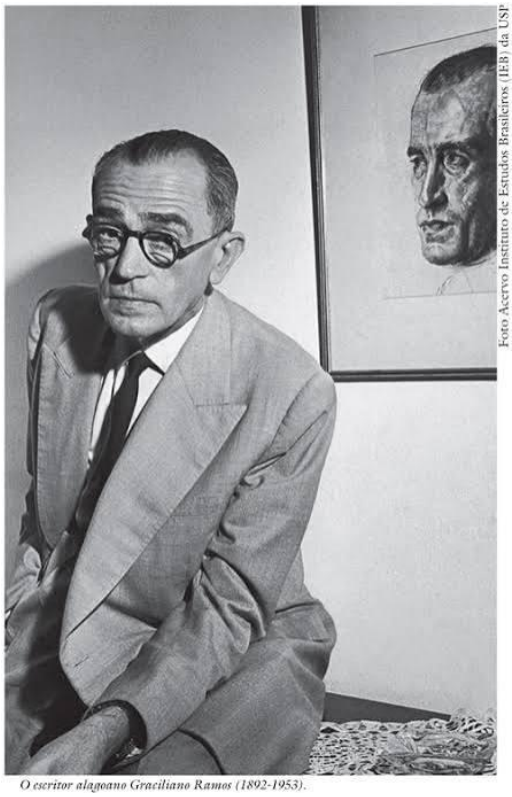
ANÁLISES DE OBRAS DA UEMA

INFÂNCIA – GRACILIANO RAMOS

José Neres


Foto Acervo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP

O escritor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953).

Graciliano Ramos (1892-1853) é um dos mais importantes escritores da literatura brasileira do século XX, mais propriamente da chamada Segunda Geração Modernista. Ele é bastante conhecido por seu estilo conciso e pela economia no uso das palavras. Seus livros mais conhecidos e estudados são *Vidas Secas* e *São Bernardo*, romances que são considerados verdadeiras obras-primas da prosa brasileira.

Em seu livro *Infância*, Graciliano Ramos adota um estilo autobiográfico, no qual narra hipoteticamente a história de um eu-menino em um espaço temporal que vai dos 2 aos 12 anos de vida. Em 39 capítulos independentes e sem preocupação com a cronologia, o narrador conecta uma lembrança às demais e acaba tecendo uma espécie de quebra-cabeças memorialístico sem a necessidade de buscar uma base sequencial lógica.

No livro, o leitor percebe facilmente a presença de um narrador adulto interferindo e tentando reproduzir as memórias de um narrador criança, cujas percepções acerca do mundo são fragmentadas e carregadas de percepções sensoriais, como sons, cheiros e imagens. As personagens são apresentadas em capítulos próprios e depois passam a fazer parte de todo um tecido narrativo que compõe um cenário próprio ao desenvolvimento da história.

Ao ler o livro, fica-se na dúvida sobre a veracidade dos acontecimentos narrados e sobre as linhas que limitam a memória e a criação ficcional dos fatos contados pelo narrador. Isso se dá, principalmente, pela escola de um narrador em primeira pessoa que acaba tendo o poder de selecionar apenas o que deseja narrar e ocultar o que pode parecer pouco interessante.

Porém o leitor, ao entrar em contato com a obra, acaba tendo uma noção básica de alguns detalhes que são explorados no livro, como, por exemplo: as relações familiares nos anos finais do

século XIX e os momentos iniciais do século XX, o sistema educacional da época retratada no livro, os problemas de saúde do protagonista e a naturalização das punições físicas impostas pelas instituições das quais as crianças fazia parte – a escola, a família e a Igreja.

ALGUMAS TEMÁTICAS ESSENCIAIS DO LIVRO

Alguns temas são recorrentes ao longo de Infância. Entre essas temáticas, podemos destacar:

1 – **Uma educação autoritária e violenta** – Percebe-se no livro a recorrência de palavras e ações que remetem à violência, tanto familiar como escolar. Surras, palmatoriadas, assédios morais, ofensas e humilhações públicas são comuns durante a narração. Aparentemente esse tipo de comportamento é uma forma que pais e professores utilizavam para demonstrarem hierarquia e poder, conforme pode ser visto no trecho abaixo, que inicia o capítulo intitulado "O Cinturão".

> As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cindo anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural (Ramos, 1995, p. 29).

2 – **Fraturas familiares** – A narrativa traz a figura de um pai pouco ou quase nada afetuoso, austero e violento. A mãe, por sua vez, apesar de adoentada, é uma mulher ranzinza e que apela para a violência em situações de conflito. Tanto o pai quanto a mãe são metaforicamente utilizados como reflexo de um ambiente sáfaro e agreste no qual vivem.

> Meu pai e minha mãe conservavam-se grandes, temerosos, incógnitos. Revejo pedaços deles, rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem lábios, mãos grossas e calosas, finas e leves, transparentes. Ouço pancadas, tiros, pragas, tilintar de esporas, batecum de sapatões no tijolo gasto. Retalhos e sons dispersavam-se. Medo. Foi o medo que me orientou nos primeiros anos, pavor. Depois as mãos finas se afastaram das grossas, lentamente se delinearam dois seres que me impuseram obediência e respeito (Ramos, 995, p. 11-12)

3 – **A realidade social do sertão** – No livro, o sertão é bem mais que uma paisagem ou um mero cenário decorativo, ele é parte importante da narrativa. No livro, é possível encontrar passagens que mostram exemplos de seca, miséria, desigualdades sociais, coronelismo, falta de médicos, pobreza e trabalho infantil, tudo isso como exemplo de falta de comprometimento do poder público para com as pessoas do sertão. As denúncias sociais são abundantes durante toda a narrativa.

> Cresci ouvindo as piores referências a Fernando. Se fosse tão mau como afirmavam, não existia patife pior. Era parente do chefe político, e um chefe político da roça naquele tempo mandava mais que um soba, dispunha das pessoas e manipulava as autoridades, bonecos miseráveis.
>
> Mas naquele tempo só o patrão, dono dos corpos e das almas, tinha o poder de humilhá-lo. Ouvidos os insultos, Fernando se recompunha, tornava-se insolente, apavorava os infelizes das pontas de ruas. Especializara-se em desgraçar meninas

> pobres, que se rendiam por medo ou eram violentadas. Algumas vezes as próprias mães iam levá-las ao sacrifício (Ramos, 1995, p. 205/207).

4 – **Medo e resiliência** – O livro inteiro é marcado pela sensação de medo. Ainda nos primeiros anos de vida, o protagonista passa a conviver com as dores da vida, as injustiças sociais, a certeza da morte e com as tentativas de compreender as atitudes ásperas dos pais. Porém, esses obstáculos acabam por fortalecer a criança e a despertar nela um senso ético.

> A palmatória figurava em nosso código. Nas sabatinas, questões difíceis percorriam as filas — e o aluno que as adivinhava punia os ignorantes. Os amigos da justiça batiam com vigor, dispostos a quebrar munhecas; outros, como eu, surdos ao conselho do mestre, encostavam de leve o instrumento às palmas. Isto não nos trazia vexame: foi costume até que se usaram cartões relativos às notas boas. Desde então pagamos os nossos enganos com essa moeda, chegamos a emprestá-la a colegas necessitados (Ramos, 1995, p. 237).

5 – **O poder da linguagem** – Percebe-se que o protagonista acaba descobrindo nas palavras uma forma de refúgio para as intempéries da vida. Apesar da enfermidade que lhe trouxe problema nos olhos, o menino começa a perceber que a leitura e os estudos em geral são dois caminhos para uma espécie de independência.

> Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou — e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e assustou-me. Atirava rápido meia dúzia de letras, ia jogar solo. À tarde pegava um côvado, levava-me para a sala de visitas — e a lição era tempestuosa. Se não visse o côvado, eu ainda poderia dizer qualquer coisa. Vendo-o, calava-me. Um pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos (Ramos, 1995, p. 96).

CORA CORALINA E SEU LIVRO DE CORDEL

José Neres

QUEM É CORA CORALINA?



Sou mulher como outra qualquer.
Venho do século passado
e trago comigo todas as idades (Pág. 81)

Para os amantes da poesia, o nome Cora Coralina traz logo a lembrança de uma das mais significativas escritoras da literatura brasileira. Porém, sua obra nem sempre foi divulgada e reconhecida.

De modo geral, Cora Coralina é o pseudônimo de Anna Lis dos Guimarães Peixoto Bretas, que nasceu no dia 20 de agosto de 1889 e faleceu em 10 de abril de 1985. É uma das mais importantes vozes poéticas de Goiás, Estado que foi diversas vezes cantado por ela em seus livros.

Desde a juventude, ela se encantou com a palavra escrita, mas só estreou em livro de autoria própria quando já passava dos setenta e cinco anos. Com uma vida inteira dedicada à família, às lides domésticas e à profissão de doceira, Cora Coralina demonstrava, em seus contos e poemas um afinado senso crítico e uma sensibilidade poética capaz de transformar as coisas simples do cotidiano em versos harmoniosos e cheios de vida.

Ela mesma deixou claros, em um poema no qual se apresenta como mulher e como escritora, o seu estilo e suas motivação na escrita de seus versos. Ela afirmou que:

> Sendo eu mais doméstica do
> que intelectual,
> não escrevo jamais de forma
> consciente e raciocinada, e sim
> impelida por um impulso incontrolável.
> Sendo assim, tenho a
> consciência de ser autêntica (Coralina, 2013, p. 83).

Mesmo estrando tardiamente, a autora de *Vintém de Cobre* acabou ocupando um importante lugar na história da literatura brasileira e merecendo elogios de escritores notáveis, como é o caso de Carlos Drummond de Andrade, que escreveu as seguintes palavras: “Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina”.

CORA CORALINA – SEU ESTILO E SUA OBRA

Nasci para escrever, mas o meio,
o tempo, as criaturas e fatores
outros, contramarcaram minha vida.
(Coralina, 2013, p. 83)

Ao comentar sobre a poesia de Cora Coralina, a professora e ensaísta Luiza Lobo disse que a escritora:

> Empregou o regionalismo na sua lírica ingênua e sentimental ou nos contos simples, recolhendo o aspecto popular e captando o tom coloquial da cidade histórica onde nasceu e viveu (Lobo, 2006, p. 113).

Basta ler qualquer um dos poemas de Cora Coralina para alguém perceber que se trata de uma escritora mais preocupada com o conteúdo que com a forma dos poemas. Em sua obra, as questões de rima e de métrica não são essenciais, pois a ênfase maior é dada na construção rítmica dos textos, como pode ser visto no fragmento a seguir, no qual dá alguns concelhos aos poetas iniciantes

Poeta, poetisa teu caminho.
Pega, segura com os dedos
da velha musa
o que resta de poesia
na transição da hora que passa.

Cuida bem da inspiração
que se despede por inútil.
Cuidado com o adjetivo:
traiçoeiro, corriqueiro,
se insinua libidinoso,
nu, esfarrapado, sem pudor.
(Coralina, 2013, p. 109)

Como pode ser visto, trata-se de um poema de caráter conativo e metalinguístico ao memo tempo, no qual a escritora faz algumas observações pontuais com relação à construção do texto poético, pedindo para os novos poetas tomem cuidado com o uso dos adjetivos e observem com cuidado seus entornos, pois é pode ser nas frestas desses detalhes circunstanciais que a poesia pode ser encontrada.

- Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais (1965)
- Meu livro de Cordel (1976)
- Vintém de Cobre (1983)
- Estórias da Casa Velha da Ponte 1985)
- O Tesouro da Casa Velha (1996, publicação póstuma)
- Melhores Poemas de Cora Coralina (2007)
- Villa Boa de Goyaz (2001, publicação póstuma)
- Doceira e Poeta (2009)
- Cora Coragem Cora Poesia (2002, biografia romanceada)

Além dessas obras voltadas para o público adulto, Cora Coralina também é autora de diversas obras escritas para crianças e adolescentes, conforme e lista a seguir

- A Menina, o Cofrinho e a Vovó
- A Moeda de Ouro que um Pago Engoliu
- As Cocadas
- O Prato Azul-Pombinho
- Os Meninos Verdes
- Poema de Milho

- Contas de Dividir e Trinta e Seis Bolos

A ILUSÓRIA SIMPLICIDADE POÉTICA DE CORA CORALINA[1]

Há alguns poetas que, em um primeiro contato, passam a ilusória sensação de que são simples e de que seus textos podem ser facilmente compreendidos e até mesmo analisados sem esforço, mas que na verdade ocultam com seus versos bem mais que imagens poéticas facilmente digeríveis ou melodiosos trechos que embalam hipotéticas cantigas sentimentais ou, ainda, palavras desprovidas de carga poética. Esse é o caso de escritores notáveis como Manuel Bandeira, Mário Quintana e Cora Coralina, poetas que escondem em seus versos a ilusória sensação de simplicidade, mas que, quando lídos com a devida atenção, demonstram apresentar bem mais que poemas bonitos e desprovidos de conteúdo.

Cora Coralina, pseudônimo poético adotado por Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. É uma escritora que, embora ignorada pela maioria dos autores de compêndios didáticos ou mesmo de cunho científico que abordam a historiografia literária brasileira, vem encantando os amantes da poesia há décadas e recebendo elogiosos comentários de personalidades abalizadas no campo das letras, como Carlos Drummond de Andrade, que considerou Cora Coralina a pessoa mais importante de Goiás colocando-a acima dos políticos e dos mais influentes homens de negócio do estado. Para o crítico maranhense Oswaldino Marques, a autora de *Vintém de Cobre* é muito mais que é uma escritora comum podendo ser considerada uma "mulher-jazida-de-sabedoria".

Mesmo dividida entre elogios e esquecimentos, a produção poética de Cora Coralina, que só publicou o seu primeiro livro após a sétima década de vida conseguiu destacar-se nacionalmente e ultrapassar os limites de sua terra, colocando seu nome entre os mais significativos representantes da poesia brasileira do século XX.

Em um olhar superficial ou apressado, os versos de seus poemas parecem simplistas e frutos de uma marcante ingenuidade que levava as emoções sentidas, as alegrias cotidianas e os sofrimentos do dia a dia diretamente para a folha de papel sem o filtro de um trabalho com a linguagem poética. É isso o que alguém poderia pensar ao ler o excerto:

> Fiz doces durante quatorze anos seguidos.
> Ganhei o dinheiro necessário.
> Tinha compromissos e não tinha recursos.
> Fiz um nome bonito de doceira, minha glória é maior.
>
> Fiz amigos em fregueses. Escrevi livros e contei estórias.
> Verdades e mentiras. Foi o melhor tempo de minha vida.
>
> Fui tão cheio e tão fértil que me fez esquecer a palavra "estou cansada"
> Cansada talvez A lavadeira do rio Vermelho da minha cidade
> Talvez a mulher da roça de São Paulo, nem mesmo ela,

[1] Nesta parte, reproduzo um artigo publicado mim na Revista Conhecimento Prático – Literatura nº 59

Nunca ouvi da lavadeira a expressão “estou cansada”
Sim, seu medo: faltar freguesa e trouxa de roupa para lavar e passar.
(Nunca estive cansada)

No entanto, o leitor mais atento já pode perceber o tom que perpassa a autocomiseração e a resignação para atingir o status de lição de vida e de velada crítica social. Usando-se de modo espontâneo e livre do pedantismo acadêmico aquilo que o teórico francês Philippe Lejeune chamou de “pacto autobiográfico”, podemos dizer que a escritora empresta parte de sua hipotética biografia a um eu lírico que aproveita algumas passagens de sua vida não apenas como forma de rememoração, mas também como meio de tecer críticas a algumas situações que são aparentemente banais mas que podem despertar reflexões. No “Meu livro de cordel”, logo no segundo texto, o poder metafórico das palavras ganha ares de universalidade. As pedras, que poderiam ser vistas como obstáculos intransponíveis para quem se deixasse levar pelas adversidades da vida podem servir como elementos de libertação e de sucesso para as pessoas que conseguem ver nos obstáculos uma fonte de energia e de libertação, conforme pode ser visto no trecho reproduzido a seguir:

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.

(...)
Entre as pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores

Essa relação do obstáculo a ser vencido e os caminhos e alternativas que podem advir desse embate é uma constante na poética de Cora Coralina. Na sua obra, os caminhos estão repletos de pedras, mas as pedras também trazem indicações para novos caminhos a serem seguidos. Mesmo com a aceitação desses entraves ao longo de muitos momentos da vida e com uma enfática resignação, o que faz o eu lírico clamar:

Senhor, fazei com que eu aceite
minha pobreza como sempre foi.

Que eu não sinta o que não tenho.
Não lamente o que podia ter
e se perdeu por caminhos errados
e nunca mais voltou.
(Coralina, 2013, p. 59)

Esse caminho traçados por Coralina em seus versos ora convergem, ora se afastam, levando e trazendo pessoas que fizeram parte de sua jornada. Nesse ir e vir há encontros e desencontros, mas, em diversos momentos, essas vias se cruzam e a autora, consciente de que a vida é um entrelaça de múltiplas estradas e desvios pelos quais passamos, tece com palavras uma teia de rotas, uma

metáfora da própria condição humana de existir em contato constante com o outro. No final, os vários caminhos se encontram e chegam sempre a um momento de reflexão sobre os passos dados em longo da vida, como ocorre, por exemplo, no poema “Amigo”.

Vamos conversar
como dois velhos amigos
que se encontram
no fim da caminhada.
Foi o mesmo nosso marco de partida.
Palmilhamos juntos
a mesma estrada.
(...)
Indiferente
tomaste teu caminho
por estradas diferentes.
Longo tempo esperei
na encruzilhada,
depois... depois...
carreguei sozinha
a pedra do meu destino.

Profundas acerca do ser e do estar no mundo moram na simplicidade das palavras de Cora Coralina. Não é à toa que ela recorre inúmeras vezes às imagens do caminho e da solidão do homem nessa estrada que pode até ter origens e pontos semelhantes, mas cujas topografias, sinuosidades e reentrâncias acabam sendo uma escolha de cada indivíduo. Para a autora de **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**, a Poesia pode nascer das coisas simples da vida: de um fogão de lenha, de velhas jardineiras que passam, de um mero saborear de uma fruta ou mesmo de uma brincadeira de roda... para ela, a Poesia e a Vida andam juntas e de mãos dadas pela mesma longa ou curta estrada. Tudo então pode ser simples ou complexo, dependendo do olhar adotado. E, de uma forma ou de outra:

> A vida é uma flor dourada
> tem raiz na minha mão.
> Quando semeio meus versos,
> não sinto o mundo rolando
> perdida no meu sonhar
> nos caminhos que tracei.

MEU LIVRO DE CORDEL

Minhas mãos doceiras...
Jamais ociosas.
Fecundas, imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar,
ajudar, unir e abençoar.
(Coralina, 2013, p. 62)

Publicado em 1976, *Meu Livro de Cordel* é uma das obras mais conhecidas de Cora Coralina. O livro está dividido em duas partes – a primeira com 28 (vinte e oito) poemas e a segunda com apenas 15 (quinze) poemas.

Os textos que compõem esse livro trazem uma mescla de poemas autobiográficos e homenagens a lugares, pessoas e situações pelas quais a autora passou. As marcas da memória são visíveis e levam o leitor a uma "viagem" no tempo e no espaço. Ao comentar esse livro, a crítica Luiza Lobo disse que:

> Na primeira parte do livro, há o apelo ao social: a defesa das crianças abandonadas, uma tônica da obra de Cora Coralina, Três poemas são dedicados a Pablo Neruda, nos quais a morte surge não como um fim, mas como uma sugestão de permanência real em estado de poesia, calmamente, gestos e coisas simples vão sendo transformados em poesia. Cora Coralina canta a beleza das lavadeiras e trabalhadoras comuns ("estas mãos"). A segunda parte é subjetiva e emprega dados autobiográficos ao criticar os costumes e a educação da época ("Cora Coralina, que é você?). A autora nos apresenta sua vida, suas impressões, o controle que os mais velhos exerceram no passado ("Lucros e Perdas") e as pessoas que amou ("Mãe Didi") mesmo sem as conhecer ("Meu Pai). Finalmente, sintetiza o objetivo do fazer poético como um eternizar-se ("Não morre aquele / que deixou na terra/ a melodia de seu cântico / na música de seus versos") O livro se encerra com uma palavra de otimismo dirigida a quem deseja ser poeta (Lobo, 2006, p. 114).

Ao longo do livro, várias temáticas são discutidas, como, por exemplo, a transição criança-menina-mulher e a descoberta das primeiras paixões, com laivos de ingenuidade e sempre em um vocabulário simples e com uma estrutura que não apelas para grandes giros sintáticos, como pode ser visto no fragmento abaixo:

> Você passava, eu sorria
> escondida na janela,
> cortinas me disfarçando.
> Num tempo era menina.
> Num instante virei mulher:
> Queria ver sem ser vista.
> Ser vista fingindo não ver.
> (Coralina, 2013, p. 16)

Além disso, no livro é possível encontrar diversos temas que se diluem ao longo das páginas, como, por exemplo, traços da história do Brasil, religiosidade, elementos autobiográficos, aspectos sociais do Brasil, homenagens a escritores e demais personalidades da história da literatura brasileira e outros assuntos que são tratados com sutileza e seriedade pela autora.

AS CRÔNICAS DE LUCY TEIXEIRA[2]

José Neres

No dia 15 de junho, às dez horas, no Teatro Napoleão Ewerton, a professora, escritora e acadêmica da AML e da ALL Ceres Costa Fernandes fez parte de um ciclo de palestras no já aclamado Café Freudiano, interessante empreendimento cultural, pensado e organizado pelo professor e psicanalista William Amorim.

Na ocasião, além de poder ouvir a professora Ceres Costa Fernandes, que hoje, sem sombra de dúvidas, é a mais abalizada pesquisadora sobre a vida e a obra de Lucy Teixeira, o público pôde também adquirir os livros *O Essencial de Lucy Teixeira* (Edições AML, 2023) e o inédito *Crônicas de Lucy Teixeira – Cenas do Cotidiano de São Luís 1947* (Edições AML, 2024), duas obras que lançam novas luzes e novos olhares críticos sobre a produção literária da autora da *Elegia Fundamental*.

Nos meios acadêmicos de São Luís (e do Maranhão como um todo) não é segredo a admiração que a cronista Ceres Costa Fernandes sente pela pessoa e pela escrita da segunda ocupante da Cadeira número 07 da AML. Essa admiração, que nasceu exatamente no dia 28 de julho de 1979 (data em que Lucy Teixeira tomou posse na Academia Maranhense de Letras, sendo recebida por José Sarney) e que se intensificou duas décadas depois, quando a escritora caxiense publicou seu livro *No tempo de alamares & outros sortilégios*.

Todas essas décadas de dedicação, leituras e estudos possibilitaram também que a professora Ceres entrasse em contato com materiais inéditos produzidos por Lucy Teixeira, inclusive com os trabalhos de cunho científico e diversas obras de arte, como por exemplo, o quadro que foi reproduzido na capa do livro *O Essencial de Lucy Teixeira*.

Mas, embora seja uma intelectual de vital importância para a cultura maranhense, o nome de Lucy Teixeira (bem como sua obra) ainda não foi suficientemente apreciada e estudada tanto nos meios

[2] Retomamos aqui trechos de nosso estudo intitulado A Multifacetada Lucy Teixeira, disponível na internet.

acadêmicos, quanto pelo público em geral. Trata-se, então, de uma escritora que pode oferecer margens para diversos estudos em várias áreas do conhecimento.

Como aqui no Maranhão não é comum a valorização e divulgação dos intelectuais da terra, não importando o quão tenham sido aceitos e aclamados em outras unidades federativas ou mesmo em outros países, sempre cabe uma pergunta.

QUEM É LUCY TEIXEIRA?



Nascida no dia 11 de julho de 1922, na cidade de Caxias, no estado do Maranhão, Lucy de Jesus Teixeira estudou em Minas Gerais, onde se graduou em Direito e teve importante atuação cultural, juntamente com escritores como Fernando Sabino, Murilo Rubião, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Câmara, entre outros.

Quando regressou a sua terra natal, passou algum tempo na capital maranhense, onde exerceu cargos na secretaria do Tribunal de Justiça, colaborou como cronista no Jornal O Imparcial, participou do Grupo Ilha, do qual faziam parte também intelectuais como José Sarney e Ferreira Gullar.

Lucy Teixeira morou em diversos países, como Itália, Bélgica e Espanha, sendo reconhecida por suas habilidades intelectuais e por seu talento no uso poético das palavras em prosa e em verso.

A escritora publicou os seguintes livros: Elegia Fundamental (poesia, 1962), Primeiro Palimpsesto (poesia, 1978), No tempo de Alamares & Outros Sortilégios (contos, 1999) e Um Destino Provisório (romance, 2001), além de haver escrito a peça teatral intitulada Quem Beija o Leão e de haver deixado diversas crônicas e poemas esparsos em revistas e jornais.

Em 1978, Lucy Teixeira foi eleita para a Cadeira 07 da Academia Maranhense de Letras, sucedendo a Alfredo de Assis Castro, que havia falecido no ano anterior. Sua posse na Casa de Antônio Lobo ocorreu em julho do ano seguinte, em um grande evento.

Em 1990, a escritora se aposentou pelo Ministério de Relações Exteriores. Vitimada por complicações decorrentes de uma pneumonia, a contista maranhense faleceu no dia 07 de julho de 2007.

Entre as homenagens recebidas após seu falecimento, o nome de Lucy Teixeira foi escolhido para patronear a Cadeira 31 da Academia Ludovicense de Letras e, em 2022, como lembrança pelo centenário de nascimento de Lucy Teixeira, a AML editou, em um único volume os livros *Elegia Fundamental* e *Primeiro Palimpsesto*.

Surge então outra dúvida: de que tratam os livros publicados por Lucy Teixeira?

ELEGIA FUNDAMENTAL

Publicado em 1962, esse longo poema tem como temas centrais a morte e a inevitável despedida que ocorre após o momento final de uma pessoa amada. Os versos iniciais do poema apresentam uma pungente beleza e, ao mesmo tempo, remetem a uma reflexão acerca de uma presença/ausência (in)capaz de preencher os vazios existenciais deixados pela certeza da morte.

Na plantação
há somente a perspectiva
de uma viagem,

Quando um dos plantadores cai,
em definitivo
cuidadosamente é posto numa caixa –
justo do seu tamanho –
e um lenço lhe cobre a face.

Então o seu rosto
é beijado muitas vezes,
sem que ele possa retribuir
a esse sinal de carinho,

pois o silêncio já lhe ocupou toda a boca.

A imagem do corpo inerte depositado em um ataúde e dos beijos de despedida dados pelas incrédulas pessoas que permanecem nos caminhos da vida demonstra que o passamento de alguém não é apenas uma questão física, química ou biológica. É um momento de reflexão. Esse poema foi escrito pela ocasião do falecimento da mãe de Lucy Teixeira e à memória dela – Dona Joana – é dedicado.

PRIMEIRO PALIMPSESTO

Escrito em 1977 e publicado em livro no ano seguinte, esse breve, porém contundente poema é dedicado à cidade de São Luís e ao poeta Ferreira Gullar. Em pouco mais de noventa versos, a escritora consegue fazer um périplo pelas próprias recordações acerca da cidade que a acolheu – São Luís – e traz em suas estrofes o sentimento de tristeza e de perda do eu lírico com a notícia do falecimento do poeta Bandeira Tribuzi. Os espaços em branco e os vazios textuais demonstram a presença de um eu lírico que se vê desnorteado diante de umas reticências iniciais que escondem algo que possivelmente não pode ser dito, mas que permanece guardado nos recônditos da memória.

É um poema para ser lido com calma, tentando compreender as múltiplas camadas de um palimpsesto que se multiplica em camadas que precisam ser destrinçadas e que escondem nas entrelinhas marcas da cidade, do ser e de uma saudade.

NO TEMPO DOS ALAMARES & OUTROS SORTILÉGIOS

Habilidosa com as palavras, Lucy Teixeira apresentava destreza na confecção de narrativas curtas. Nesse livro, que é dividido em duas partes – a primeira com seis contos e a segunda com onze textos, a prosadora caxiense mergulha na psiquê das personagens sem deixar de lado os problemas mundanos e as crises sociais e existenciais que inundam as páginas do livro. Suas personagens parecem viver em constantes conflitos internos que se refletem em suas atitudes e decisões. Cada texto pode ser visto como uma série de "íntimas confidências" utilizadas como verdadeiras "táticas de guerra" por personagens femininas que tentam se livrar de uma sufocante opressão social e até mesmo pessoal.

UM DESTINO PROVISÓRIO

Nesse romance, Lucy Teixeira envolve o leitor em uma série de violências que entrecruzam questões jurídicas, comportamentais e psicológicas e que levam a jovem Raimunda (Mundoca) a se isolar do mundo em um mutismo para se proteger dos traumas que atormentam sua vida.

Imersa em um turbilhão de acontecimentos capazes de alterar sua percepção com relação ao mundo e as pessoas que a rodeiam, a protagonista vive em constante processo de reaprendizado para poder sobreviver às intempéries. Sobre esse livro, o professor e crítico Rafael Campos Quevedo comenta que ele "se filia à estirpe dos romances de temática existencialista, ainda que não se configure como um romance existencialista na acepção sartreana do termo".

Vale a pena acompanhar os passos de Mundoca pelos nada fáceis caminhos de sua vida que, apesar de ficcional, pode ser uma reprodução de muitas outras meninas que passaram por situações análogas em suas respectivas comunidades.

AS CRÔNICAS DE LUCY TEIXEIRA

Espera-se, ao ler uma crônica, que o autor ou autora faça breves registros de uma época e registre comentários acerca de situações que nem sempre são perceptíveis para a maioria das pessoas. Lucy Teixeira fez isso e foi um pouco além. Em suas crônicas, é possível encontrar ou pouco de seus arguto olhar sobre acontecimentos políticos e culturais ocorridos durante o ano de 1947.

A mais de cem crônicas recolhidas por Ceres Costa Fernandes trazem uma significativa amostra do estilo refinado de uma escritora que sabia registrar suas impressões acerca de muitos temas que ainda hoje merecem uma reflexão.

Cenas do cotidiano como aparece em Gaivotas Brancas: “Uma gaivota voa sobre o mar: de repente alça-se, um impulso súbito para mergulhar, ágil, nas águas verdes e subir depois tecendo contra o azul, desenhos rápidos em curvas invisíveis” (Teixeira, 2024, p. 31-32).

As variadas modalidades de arte chamam a atenção da cronista, que, em seus textos, constantemente chega a apelar para os sentimentos dos leitores. Na crônica em que ela aborda a relação das pessoas com o Circo, chega a afirmar que “A presença do artista no circo é uma tentativa de encontro com a infância” (Teixeira, 2024, p. 45). A partir dessa reflexão, Lucy Teixeira descreve e disserta sobre as diferentes percepções que um adulto e uma criança têm do mesmo objeto de reflexão: uma apresentação circense.

Lucy Teixeira sempre primou por uma linguagem poética e descritiva em seus textos, Isso ocorre também em suas crônicas, como pode ser visto em O Canto da Chuva, aparentemente, todo o entorno da escritora pode servir como motivo para uma crônica, até mesmo uma espera em uma fila de uma agência dos correios pode ser onde motivo para uma crônica reflexiva sobre as volatilidades humanas

Comentários sobre exposições de arte. A cronista demonstra desenvoltura técnica e teórica quando comenta os quadros da exposição organizada e dirigida pelo professor e artista Telésforo de Moraes Rego, destacando o talento de artista como Ambrósio Amorim, Torres Filho, R. Santos e outros que ali apresentavam suas obras ao público. Há também em suas crônicas diversos comentários sobre livros, como acontece em “Um poeta e um cronista”, “Candeia” e “Uma adolescente escreve”. Quase sempre ela alerta para o desinteresse das pessoas com relação às artes, citando o descaso para com a literaturas e outras artes menos populares

Às vezes, Lucy Teixeira faz uma junção entre a crônica de observação do cotidiano e o estilo ficcional, como ocorre em “Ciências Bancárias”, texto no qual uma jovem (Miss Lilian) vai estagiar nos Estados Unidos e lá descobre uma vocação para a vida artística. Outro exemplo disso é a crônica intitulada “A moça fantasma”, na qual a autora aproveita uma notícia insólita publicada em um jornal para comentar sobre alguns mistérios da vida. Ela inicia seu texto assim:

> O Globo de quinta-feira trouxe-nos uma estranha notícia. O caso da moça fantasma que dançou a noite toda com um jovem de carne e osso, muita gente não acredita, acha que isso é história feita para provocar sensação. Não iremos verificar a veracidade da notícia porque não chegaríamos a provar nada; trouxemos o caso à baila apenas movidos pelo desejo de imaginar coisas ao redor do amor de um fantasma (Teixeira, 2024, p. 124)

Atenta a tudo o que ocorre na época da confecção das crônicas, Lucy Teixeira traz para seu público leitor relato de inovações tecnológicas, como pode ser visto em “Oceanus non dissociat” e “Tecnologia mercadológica”, sempre como um olhar crítico.

Eventos esportivos também são citados nas crônicas de Lucy Teixeira. Um exemplo disso é o resgate histórico de uma partida de futebol realizada em São Luís do Maranhão entre uma equipe

norueguesa e o Moto Clube. O placar de 10 a zero para o time maranhense e o ponto inicial para a autora comentar sobre as diferenças de técnica e de habilidade dos jogadores estrangeiros.

A autora se mostra sensível aos acontecimentos cotidianos, como uma palestra do sábio, porém aparentemente pessimista professor Isnard Lima e como muitas pessoas regulam a vida de acordo com o período eleitoral, antecipando em muito o que hoje convencionamos chamar de polarização política. A escritora alerta o leitor para que: "não percamos o nosso amigo, não deixemos de cumprimentar fulano por ele não [compartilhar] de nosso ponto de vista político". (Teixeira, 2024, p. 53)

Algumas crônicas de Lucy Teixeira apresentam uma tonalidade bastante filosófica, questionando a relação do ser humano com as questões materiais, como em "Os Objetos Frágeis", na qual a escritora destaca a importância de se valorizar as coisas simples da vida, de se "conviver com a nuvem, o Rio, a interrogação de amanhã que além do coração está o amor (...) o que é preciso é querer a vida acima de tudo. (Teixeira, 2024, p. 55).

Apesar de quase sempre investir na análise de situações corriqueiras, Lucy Teixeira também tratou de questões políticas em suas crônicas, como é o caso da polarização ideológica que assola o país desde tempos imemoriais. Ela chama a atenção para o fato de que amizades e até mesmo grupos familiares estão divididos por questões políticas, como é possível ler no trecho a seguir:

> Se somos um povo amante da democracia, devemos, antes de tudo, compreender essa coisa tão simples quão essencial: não é política que escolhe os nossos amigos ou aqueles que privarão do nosso convívio maior. (Teixeira, 2024, p. 53)

As crônicas de Lucy Teixeira trazem para o leitor de hoje as marcas de um cotidiano de outrora e pode servir para um estudo comparativo entre o presente e o passado, quanto para que o leitor faça uma hipotética viagem no tempo e passe a conviver com um tempo remoto, mas repleto da essência da atualidade.